

O USO DAS ASPAS COMO UM RECURSO ARGUMENTATIVO – O APELO À VOZ DO OUTRO

Mariza Angélica Paiva Brito *

Ályna Maria Fragoso Cabral **

José Edileudo da Silva Moraes ***

Resumo: Neste estudo, analisamos, nos comentários das notícias publicadas em sites da internet, o uso das aspas como uma heterogeneidade enunciativa, conforme Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), que defende a heterogeneidade enunciativa como a junção entre a metadiscursividade e a alteridade radical do discurso. Refletimos aqui sobre as funções argumentativas que as aspas podem desempenhar no texto, partindo da hipótese de que as aspas são estratégias argumentativas usadas de modo proposital, com objetivos bem definidos, ainda que dados efeitos de sentido escapem ao controle que o sujeito supõe ter sobre o seu dizer. Promovendo uma modificação complexa da significação, elas apontam diretamente para o surgimento de uma exterioridade no fio do discurso e, portanto, assinalam um distanciamento protetor do locutor em relação a seu enunciado. Realizamos os seguintes procedimentos de análise: localizamos as marcas textuais das aspas nos comentários das notícias publicadas no site do UOL; e, em seguida, refletimos sobre as funções argumentativas que essas estruturas podem exercer nas postagens em foco. Estamos entendendo por função argumentativa (ver BRITO, 2015) os efeitos discursivos que os usos de tais marcas de heterogeneidade ajudam a exercer sobre os interlocutores no texto.

Palavras-chave: Aspas. Heterogeneidades enunciativas. Funções argumentativas.

Abstract: In this study, we analyze comments of news published on internet in order to investigate the use of quotation marks as a enunciative heterogeneity, according to Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), who poses enunciative heterogeneity as the merging of metadiscursiveness and discourse ultimate otherness. We reflect on the argumentative functions that quotation marks could perform in texts, taking as a starting point the hypothesis that quotation marks are an argumentative strategy used highly on purpose, with precise objectives, despite the fact that some meaning effects slip away from the command the subject thinks he has over what he says. Quotation marks, by provoking a complex modification of meaning, point directly to the emergence of an exterior feature in the flow of discourse and, therefore, sign a protective distancing assumed by the speaker in relation to what he says. In order to put this analysis in action, we did as it follows: we found quotation marks in the comments of news published in UOL site; later, we reflect on the argumentative functions

* Professora Adjunta do Curso de Letras-Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Pesquisadora da Funcap/CE. E-mail: marizabrito02@gmail.com

** Bolsista de IC - Funcap/BPI da UNILAB. E-mail: alynafragoso@outlook.com

*** Bolsista de IC - Funcap/BPI da UNILAB. E-mail: edileudosilva@aluno.unilab.edu.br

these marks could perform. We are considering as argumentative function (BRITO, 2015) the discursive effects that such marks cause on the subjects that interact through the texts.

Key-words: Quotation marks. Enunciative heterogeneity. Argumentative function.

Introdução

Iniciamos esta discussão refletindo sobre o que se diz tradicionalmente sobre a utilização das aspas. Conforme Cunha e Cintra (2008), usualmente as aspas são empregadas nos seguintes casos, que tentamos ilustrar:

- para marcar o início e o fim de uma citação, como no exemplo: “tudo vale a pena, se a alma não é pequena”. - Fernando Pessoa (PESSOA, 2016, p.24);
- para marcar estrangeirismos, neologismos etc., como nos exemplos: o meu filho é um verdadeiro “hacker”; hoje, jantaremos no “food truck” do Gil;
- para acentuar um valor significativo, como no exemplo: no nosso Brasil, temos muitos “políticos honestos” que respeitam o seu eleitor;
- para realçar apenas, como no exemplo: Paula conseguiu fazer “tudo” errado.
- para marcar uma fala nos diálogos, como neste exemplo: “Você gosta de cachorros?” Perguntou Arminda. “Não gosto de cachorro e nem de gatos”, declarou Olympio. “Pobre de ti, és um homem amargurado e infeliz”, decretou Arminda.

Vemos nesses usos das aspas como um sinal de pontuação que eles atendem, de um modo geral, à finalidade de pôr em destaque algum trecho do texto, seja para citar direta e literalmente a fala de um outro, seja para pontuar a alternância de turno nos diálogos, seja para marcar estrangeirismos ou neologismos, seja para atribuir uma conotação diferente a uma expressão. Authier-Revuz (2004) analisa essas e outras situações de uso das aspas a partir de um ponto de vista linguístico, mostrando que as aspas revelam um tipo de heterogeneidade enunciativa e têm a função de desempenhar uma reflexão metaenunciativa do dizer.

Diferentemente dos pressupostos gramaticais, Authier-Revuz (2004) encampa uma visão na qual as aspas fazem evidenciar uma atitude de reflexão sobre o dizer, uma atitude que manifesta uma aptidão para colocar “o locutor em posição de juiz e de dono das palavras, capaz de recuar, de emitir um julgamento sobre as palavras no momento em que as utiliza” (p. 219). Desta forma, a autora alça as aspas a um patamar de heterogeneidade enunciativa, desviando o foco de um olhar meramente normativo como sinal de pontuação para um olhar

sobre o jogo polifônico que elas evidenciam. Mostraremos, neste trabalho, em alinhamento com os pressupostos de Authier-Revuz, que as aspas são marcas de um distanciamento, são a suspensão de uma responsabilidade enunciativa, mas também são marcas da presença da voz do outro que se faz presente no enunciado. Defendemos ainda que as aspas podem estar a serviço de estratégias argumentativas do locutor no momento em que seu uso implica em um distanciamento do dizer ao mesmo tempo em que influencia o interlocutor em seu modo de ver, pensar e sentir (AMOSSY, 2017).

Este artigo está organizado em quatro itens: no primeiro, situamos a perspectiva teórica da análise das aspas na Linguística da Enunciação de Authier-Revuz, pela qual a autora propõe uma descrição das heterogeneidades enunciativas; no segundo, sintetizamos os efeitos de sentido que as aspas, como marcas de heterogeneidades enunciativas, fazem surgir no texto; no terceiro, sugerimos uma discussão sobre o uso das aspas como estratégias de persuasão e, no último, indicamos algumas atividades para o professor realizar em sala de aula com seus alunos. É importante que o professor mostre aos alunos que as aspas não são usadas apenas como um recurso normativo de pontuação, mas que elas podem assumir diferentes funções dentro de um texto, ao mesmo tempo em que podem atender a estratégias persuasivas de influenciar o outro.

As aspas como palavras deslocadas

Para Authier-Revuz (2004), as aspas são marcas de uma fala sob vigilância, uma fala que tem que ser mantida em um terceiro sentido. Desta forma, a autora define o emprego das aspas como uma marcação do heterogêneo, em que a voz de um outro se faz ouvir para estar a serviço de uma estratégia argumentativa.

As aspas estão presentes em uma fala sob vigilância, sob controle, uma fala "*mantida*", em um terceiro sentido; aquele em que se diz que "se mantém seu cachorro, seus empregados, sua casa" ou que "se sabe se manter". Opõe-se a uma fala do "deixar acontecer", abandonada a si mesma, que se perde. Nesse sentido, pode-se considerar as aspas como "antilapso". (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.219)

A partir da reflexão de Authier-Revuz, podemos observar que as aspas são um recurso de direcionamento do dizer, não um lapso. Pensamos que esse suposto controle, na verdade,

serve a um propósito bem definido pelo locutor, por isso temos reivindicado, em nossas análises, que as aspas se prestam a finalidades persuasivas.

Costa e Santos (2013), que discutem o funcionamento das aspas a partir dos pressupostos da Análise do Discurso, entendem as aspas como sendo um silêncio fundador, próprio da sua materialidade formal. Isso marca a incompletude da linguagem em seu aspecto simbólico.

As heterogeneidades enunciativas

Authier-Revuz (1990) elege dois tipos de heterogeneidades, denominadas de *constitutiva* e *mostrada*, para designar o fenômeno de linguagem em que o distanciamento entre as enunciações, a divisão das vozes discursivas e a clivagem do sujeito-enunciador aparecem como fatos marcantes no uso da linguagem verbal.

Esse termo heterogeneidade foi cunhado pela autora em oposição à noção de polifonia bakhtiana (porque não se limita ao dialogismo constitutivo dos já-ditos) e à de polifonia ducrotiana (porque não se ocupa da análise de como o locutor, como responsável pela enunciação, agencia, no interior do enunciado, os pontos de vista de enunciadores; para Ducrot (1987), o locutor responsável pelo enunciado dá existência aos enunciadores, de modo a organizar seus pontos de vista). Não se trata, portanto, da mesma noção de polifonia que se encontra em Ducrot, cuja proposta analisa a marcação de vozes do locutor e de enunciadores por meio de formas da língua no enunciado. Enunciadores são pontos de vista, com os quais o locutor interage, não sujeitos de atos ilocutórios, porque não falam.

Os exteriores teóricos que Authier-Revuz convoca para dentro de sua abordagem são o dialogismo de Bakhtin e a psicanálise freudo-lacanianiana. Tais pressupostos, que embasam a proposta da autora, trazem como consequência uma visão de heterogêneo absoluto, “um Outro radical que afeta a enunciação, ao qual nenhuma representação pode atribuir papel num diálogo interno do dizer, como acontece na teoria polifônica de Ducrot.” (TEIXEIRA, 2005, p.138).

Bakhtin (2000), na década de vinte do último século, lançou a ideia de polifonia como evidência de uma democratização de vozes na ficção dostoievskiana. Constatou que o romance colocava em jogo uma multiplicidade de vozes ideologicamente distintas das personagens, as quais resistiam ao discurso autoral e se deixavam ouvir, tanto quanto o ponto

de vista ideológico do narrador. Haveria, nesses romances, portanto, uma equipolência de vozes.

Authier-Revuz (1990) entende, no entanto, que as formas de representação que os enunciadores têm de seu próprio dizer não podem ser tomadas apenas como um reflexo direto do processo enunciativo, e muito menos a linguística deve ser tomada como uma totalidade, o UM, uma ciência completa em si mesma, uma totalidade autônoma, sem outro, sem falha, sem furo, sem real.

Para a autora, o campo da enunciação é marcado por uma heterogeneidade teórica, que reconhece como inevitável a intervenção, na descrição dos fatos da língua, de escolhas estranhas à linguística como tal, que dizem respeito ao sujeito e à sua relação com a linguagem. A grande reviravolta que Authier-Revuz deu nos estudos linguísticos foi assumir o pressuposto de que a língua é não-toda, é dividida. O apelo da autora aos exteriores, a teoria bakhtiniana e a teoria psicanalítica de descentramento do sujeito, justifica-se pelo fato de que ambos os exteriores, em bases diferentes, questionam radicalmente a imagem de um locutor:

- como fonte consciente de um sentido (porque não é só intencional);

- como instrumento de comunicação ou como ato que se realiza no quadro das trocas verbais.

Os dois pontos de vista, tanto do dialogismo, quanto da psicanálise permitem articular uma teoria da heterogeneidade linguística a uma teoria do descentramento do sujeito.

O sujeito intencional

O sujeito intencional diz respeito a uma intenção, a um objetivo específico, a uma vontade e a um desejo. Todas essas características, próprias do sujeito, apontam perspectivas teóricas em que a intencionalidade se apresenta como uma manifestação do sujeito na enunciação, ou seja, é uma das formas de inscrição do indivíduo no momento da fala. A linguagem não é capaz de dar conta do sentido de um proferimento somente pelos elementos linguísticos, pois o sentido não se conforma aos limites da língua.

Para Dorneles (2002), existe uma assimetria entre aquilo que o falante pretende (intencionalidade) e aquilo que o ouvinte produz como sentido, não de um proferimento, mas de uma enunciação. Austin (1990) afirma que o sujeito não controla o sentido, apenas

redimensiona os postulados analíticos de razão *vs.* emoção (instaurando a subjetividade) e de verdade *vs.* falsidade (alegando que o que há realmente são verdades).

Afirmando que o sentido é um efeito que pode acontecer com intencionalidade, ou à revelia dela, Austin rompe com o passado, mostrando-se um desconstrutor de uma filosofia tradicional e de uma linguística tradicional.

É em busca de um sujeito que não é inteiramente intencional, mas descentrado em sua origem, que Authier-Revuz recorre à Psicanálise freudo-lacanianiana para demonstrar a divisão de vozes enunciativas de uma fala fundamentalmente heterogênea e de um sujeito dividido em sua estrutura.

A palavra, supostamente capaz de carregar em si uma intenção consciente que possibilita a comunicação efetiva, frequentemente erra o alvo, tropeçando, falhando, de modo a quebrar a continuidade lógica do pensamento e dos comportamentos da vida cotidiana (TEIXEIRA, 2005). A psicanálise mostra que, atrás da linearidade da emissão por uma única voz, faz-se ouvir uma pluralidade de vozes - a descontinuidade: o discurso sendo constitutivamente atravessado pelo discurso do O/outro. Essa descontinuidade do dizer é muito bem representada pela atitude metaenunciativa defendida por Authier-Revuz.

Para essa autora, o distanciamento pontual das aspas é uma das formas que revelam uma atitude metaenunciativa do locutor. Essa atitude implica em levar o locutor a uma posição de juiz e “dono das palavras”, pois coloca o locutor em posição de juiz e dono das palavras, capaz de recuar, de emitir um julgamento sobre as palavras no momento em que as utiliza.

As funções das aspas

Authier-Revuz (2004) afirma que as aspas indicam uma suspensão de responsabilidade, uma vez que, por meio delas, se “manifesta um *questionamento do caráter apropriado* da palavra ao discurso no qual é utilizada - nos dois sentidos desta: "pertencente a" e "adaptado a" -, correspondente a uma glosa, implícita, remetendo a um *discurso-outro*. (p.219) Isso aponta para a ideia das aspas funcionando sempre como marca de falta, como se o locutor dissesse “não convém, mas digo mesmo assim”.

A autora descreve alguns tipos de motivação que as aspas podem ter – é o que estamos tratando como efeitos de sentido (ou funções):

a) Aspas de familiaridade, aspas de condescendência e aspas pedagógicas

É uma colocação paternalista das aspas, um uso "concessivo" ou permissivo, que, em uma linguagem mais formal, assinala um linguajar mais familiar, como no exemplo:

(1) *Ora, muitas vezes, essa atividade das células se torna lenta. A pele, especialmente se for seca ou fina, "estica" e "fica marcada" por qualquer coisa. (Publicidade de produto de beleza, em Elle, 1980, exemplo da autora).*

No exemplo, “as aspas assinalam uma palavra apropriada ao receptor, mas não ao locutor; ele diz: "Se não falasse com você, não teria dito essa palavra". Numerosas aspas de vulgarização são desse tipo; por elas, o locutor utiliza palavras que atribui ao interlocutor para "colocar-se ao seu alcance", frequentemente como uma etapa para conduzi-lo às "verdadeiras" palavras, às quais o locutor adere plenamente, sem aspas (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 222). Para nós, esses três tipos de aspas classificados pela autora (de familiaridade, de condescendência e aspas pedagógicas) cumprem uma função muito próxima, a de colocar a palavra ao alcance de seu interlocutor.

b) Aspas ostentatórias - de narcisismo ofensivo

Para Authier-Revuz (2004), nas aspas ostentatórias existe uma espécie de narcisismo ofensivo, do tipo: "sou irredutível em relação às palavras que emprego". É a construção de uma autoimagem através das diferenciações nas palavras. Mas esse uso pode se manifestar sob uma forma exacerbada, que beira a ostentação. Vejamos o exemplo da autora.

(2) *O que provava que eu era perfeitamente capaz "de assumir" (abra aspas, por favor) minhas próprias responsabilidades. Dá-se dez passos para frente e, depois, deve-se dar quatro para trás para que isso se ajuste bem com a realidade "sociológica" (por favor, coloque de novo aspas ...), com a sensibilidade das pessoas, quero dizer ... " Tenho um modo muito pessoal de considerar minhas relações com os homens. Tenho com eles relações "de identidade" (abra novamente aspas, por favor) completamente naturais. Nunca fomos "militantes" (quanto às aspas, é a última vez, prometo). (F. Magazine, juillet-aout 1979, p. 23-24-25).*

Trata-se, neste exemplo, de alguns excertos de uma entrevista publicada sob o título de "Simone Signoret: viver com talento", na qual as aspas eram muitas, um tipo de uso

ostentatório. Essa ostentação das aspas, segundo a autora, expressariam o narcisismo marcado nesse uso.

c) Aspas de proteção

As aspas de proteção dizem respeito ao modo de falar do sujeito, como se ele dissesse: “isso que eu digo é apenas um modo de falar, não quero me preocupar com isso”.

d) Aspas de ênfase

Ao contrário, as aspas de ênfase ou de insistência chamam a atenção para o que se quer dizer realmente: “é bem essa palavra que quero dizer, é exatamente essa palavra que quero dizer” (Authier-Revuz, 2004, p.228):

(3) Que partido tomar? Em quem se deve acreditar? E como você pode manter a cabeça fria face aos debates cada vez mais numerosos, cada vez mais apaixonados, que sacodem nossa sociedade [...]. Sobre todos os assuntos [...] LA CROIX lhe traz as informações, as precisões, os números, graças aos quais você formará uma opinião ("sua" opinião) e graças aos quais você não se deixará enganar com facilidade. (Publicidade em La Croix, exemplo de Authier-Revuz)

Sugerimos que todas essas funções da autora sejam pensadas como uma forma de defesa e que as formas de evidência da assunção, ou da não assunção, de responsabilidade escondem, cada uma a seu modo, uma maneira de o locutor se proteger. As demais funções parecem produzir um efeito a mais, como se estivessem abaixo da função de defesa: “longe dessa fantasia de discurso perfeito da Verdade, não conflitual, as aspas são a marca de uma imperfeição, trata-se de uma *imperfeição constitutiva*.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.229)

Por outro lado, olhando agora por uma perspectiva retórica, podemos constatar que todos esses tipos de uso das aspas atendem a um direcionamento argumentativo, por isso passamos a analisá-los como estratégias persuasivas de que o locutor lança mão para fazer valer seu ponto de vista.

As aspas como estratégias persuasivas

É possível analisar as aspas como uma estratégia argumentativa usada pelo locutor para persuadir seu interlocutor. Essa visão está em conformidade com a afirmação de Cavalcante (2016) de que as estratégias podem ser muito diversificadas e se manifestar por vários recursos, como as intertextualidades, a escolha de dado gênero, a escolha de dada

sequência textual, a escolha de certos processos referenciais e a forma como são expressos, incluindo nisso o uso de antropônimos e o jogo de aspectos fonológicos e morfossintáticos, as marcas de heterogeneidade enunciativa etc.

O ponto nodal desse fenômeno para Authier-Revuz (1990) é a constatação de que sempre nas palavras outras palavras são ditas, e é a própria estrutura material da língua que permite a escuta dessas ressonâncias – não-intencionais - que rompem a suposta homogeneidade do texto. A linguagem é duplicada em uma outra cena pela própria linguagem, e isso se deixa surpreender na linearidade do cotexto, através de rupturas, choques e desvios.

As aspas como marca de falha na linguagem – a seleção de expressões e sua laçada

As aspas marcam a negociação do sujeito com o Outro, circunscrevendo a exterioridade discursiva; indicam que a palavra empregada não é a mais adequada para designar o que o enunciador pretende, pois pode não corresponder exatamente à realidade. Vejamos como se dá o uso das aspas nos comentários dos internautas sobre uma notícia publicada na internet:

(4)

Foto postada por Ru Ka dos Sa, de 22 anos, mostra jovem em bloco em Santa Teresa na última sexta-feira (24). Ele foi encontrado desacordado na praia no domingo (26).

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/ultima-foto-postada-por-jovem-encontrado-em-copacabana-foi-em-bloco.ghtml>



Comentários:

- ▶ *Al Ro 2017-03-02T07:03:113. Eu posso ser a pior pessoa do mundo, mas não "sinto" a morte de quem morreu pós Carnaval. Acho o Carnaval a festa da morte mesmo, quem vai é porque está procurando. Esse aí achou.*
- ▶ *Ad Qu 2017-03-02T07:24:574. Alexander vc tá falando de quem ?da pessoa que morreu?desce deste pedestal cara....poderia ter acontecido contigo em Outras circunstânciaspara de hipocrisiaquem tem DEus de verdade dentro de si não fica pagando de "pastor".....e cada coisa que eu tenho que lervou tomar meu café da manhã de Diva, isso simbom dia a todos!*

Na postagem de *Al Ro 2017-03-02T07:03:113*, “*Eu posso ser a pior pessoa do mundo, mas não "sinto" a morte de quem morreu pós Carnaval. Acho o Carnaval a festa da morte mesmo, quem vai é porque está procurando. Esse aí achou.*”, mais do que uma função de ênfase, as aspas são marcas de construção de uma tese, a de que o Carnaval é a festa da morte. O “sinto” de *Al Ro* presta-se a construir um caminho em que se delineia a estratégia de insinuar que o jovem folião, Ruan, morreu porque estava na orgia carnavalesca, portanto procurou a morte. Desta forma, o locutor traz a voz de um exterior que diz: “acho é pouco”, “foi merecido”.

O “sinto” aspeado foi escolhido para ressaltar a presença de uma outra voz que é evocada para sensibilizar o auditório (PERELMAN E TYTECA, 2005) e para validar a ideia de que o carnaval é a festa da morte, expressando que quem vai é porque procura. Ruan morreu porque procurou...

Aspas como marca de uma imperfeição

Authier-Revuz afirma que pôr aspas é retirar das palavras sua evidência de adequação. *Ad Qu* 2017-03-02T07:24:574., no exemplo citado anteriormente, comenta: “*Alexander vc tá falando de quem ?da pessoa que morreu?desce deste pedestal cara....poderia ter acontecido contigo em Outras circunstânciaspara de hipocrisiaquem tem DEus de verdade dentro de si não fica pagando de "pastor".....e cada coisa que eu tenho que lervou tomar meu café da manhã de Diva, isso simbom dia a todos!*”. De fato, “pastor”, neste comentário postado, abre espaço para um outro que afirma que “pastor” não é esse que você está pensando que é. Vemos nos comentários um apelo ao *pathos* muito mais do que ao *logos*, porque neles se emite um juízo de valor que paira acima de qualquer outro raciocínio.

Perelman e Tyteca (2005) afirmam que é sempre em função do auditório que se quer persuadir, é sempre em função do outro que se constrói um discurso. Estamos demonstrando que as aspas colaboram para a persuasão. Com base em Amossy (2017), tomamos para ilustrar os estudos das aspas tanto os textos que, para a autora, são de *visada argumentativa* (que defendem uma tese), quanto os textos que têm apenas *dimensão argumentativa* (que não se empenham em defender uma tese, apenas utilizam meios de agir sobre o outro, tentando fazê-lo mudar de direção quanto a seu modo de ver e de sentir em relação a uma questão).

Vejamos mais um exemplo de notícia e seu comentários:

(5) *Edição do dia 30/11/2016 30/11/2016 08h51 - Atualizado em 30/11/2016 08h51*

Aborto nos três primeiros meses de gestação não é crime, decide STF

Supremo não definiu se decisão valerá para todos os casos, mas pode abrir precedentes. Comissão especial da Câmara vai discutir o tema.

Supremo Tribunal Federal diz que o aborto até o terceiro mês de gravidez não é crime. A decisão foi de uma das turmas do STF, mas pode influenciar a decisão de juízes pelo Brasil.

Comentários

1. Ro

Leis são feitas pelo legislativo e interpretadas pelo judiciário. O judiciário não "ditou" uma lei, apenas interpretou o que já estava na constituição.

2. Mi An

"O Brasil não tá em condição de manter tanta gente", então o negócio é matar filho de pobre? É nazismo sim!!

No comentário de Rodrigo, vemos que "ditou" aspeado foi empregado como um recurso de persuadir o interlocutor de que o judiciário apenas interpretou a constituição, pois deixa claro o lugar que ele ocupa e assume um posicionamento.

No comentário de Mi An, o locutor toma uma posição contrária ao posicionamento de Rodrigo, da postagem 1, quando diz "O Brasil não tá em condição de manter tanta gente". Aqui, as aspas foram usadas para iniciar o discurso direto e, para, principalmente, rebatê-lo, sustentando a tese de que o país é nazista, porque quer matar os filhos de pobre, uma vez que existe muita gente no mundo, e o aborto vai evitar uma superlotação mundial.

Nos dois comentários dos internautas, as notícias em si, que trataram da legalização do aborto e da morte misteriosa de um jovem no Carnaval, foram ofuscadas por questões polêmicas: o preconceito religioso e a homofobia. As aspas empregadas nas palavras escolhidas, tanto em "pastor" como em "sinto", foram estratégias construídas para convencer o outro do seu ponto de vista.

Mostramos que, em todas as ocorrências de uso das aspas, no fundo, há uma função de defesa, mesmo quando se simula uma total assunção de responsabilidade enunciativa.

Atividades de interpretação dos usos das aspas

Neste item, apresentamos sugestões de atividades para o professor realizar em sala de aula com seus alunos, com base em duas notícias com comentários de leitores. É importante que o professor mostre aos alunos que as aspas não são usadas apenas como um recurso normativo de pontuação, mas que elas podem assumir diferentes funções dentro de um texto. Ao mesmo tempo que elas assinalam vozes diferentes nos textos, também atendem a estratégias persuasivas de influenciar o outro.

1. Sugerimos que o professor divida os alunos em equipes e que, logo em seguida, distribua cópia dos textos para cada grupo. Na sequência, o professor solicita aos alunos que leiam e discutam entre si os trechos aspeados. Posteriormente, o professor reúne todas as equipes e, após suprimir as aspas dos trechos em que elas se encontram, incita os alunos a um debate em torno das convergências e divergências das respostas sobre as funções das aspas em cada caso.
2. Depois da discussão, o professor poderá solicitar a produção, ainda em equipe, de dois comentários sobre uma notícia bastante atual, em que os alunos utilizem funções diferentes das aspas. Os comentários serão expostos para a turma, e cada grupo tentará explicar por que as aspas foram importantes para influenciar o leitor quanto a um modo de ver as coisas e de senti-las.

O que o aluno poderá aprender com a aula:

- realizar inferências, por meio da ativação dos conhecimentos compartilhados. O conhecimento compartilhado é prévio: pode ser enciclopédico, interacional ou linguístico, almejando a construção de sentidos;
- refletir sobre a polifonia existente nos textos e sobre a importância que esse jogo de vozes tem para expressar pontos de vista e, dessa forma, colaborar para a construção argumentativa.

Notícia 1

Corpo de Belchior é sepultado em Fortaleza

Milhares de fãs se despediram do cantor e compositor em Fortaleza e Sobral, cidade natal do artista.

<http://g1.globo.com/ceara/noticia/corpo-do-cantor-belchior-e-sepultado-em-fortaleza.ghtml> Por G1 Ceará - 02/05/2017



Comentários

Ad Wi: Nem sei quem é, prefiro Mc Kevinho, "essa novinha é terrorista, é especialista, olha o que ela faz no baile funk com as amigas" sucesso

Ma Ca: Quem é ou serão os ídolos da nossa juventude? Coitados. Não sabem diferenciar verdadeiros poetas da música com "esses lixos".

Pas Lú: Todo racionalista-humanista talentoso e sensível é de esquerda, como o grande Belchior. Todo brucutu fascínora homofóbico machista e tudo mais de ruim é direitista.

Sol: Vem falar de política aqui? Vai para uma matéria sobre política e aí você faça seus "belos debates e comentários maravilhosos" hehehehehe

Notícia 2

Avião com equipe da Chapecoense cai na Colômbia e deixa mortos

[Unidade de desastres diz que 71 corpos foram resgatados; 6 sobreviveram.](#)

[Avião decolou de Santa Cruz de la Sierra \(Bolívia\) com destino a Medellín.](#)

Do G1, em São Paulo

29/11/2016 03h42



Comentários

Fa Si: é uma tragédia ser o avião da Chapecoense, pois se fosse o avião do Corinthians seria um bênção kkkkkkkkk

Ju Ca: Fabrício Silva, espero você aqui, com esse mesmo "senso de humor", quando alguém da sua família partir de forma trágica assim!

Fa Mz: eu ouvi os áudios sobre os erros. Procurem no YTube "Erros cometidos por Piloto do avião da Chapecoense". Faz todo o sentido o que estão narrando. Inclusive sobre o dono do avião, as informações fecham.

Pa Lú: já já vamos começar o ouvir em uníssono o suprassumo, o ápice, cume e o cúmulo da tolice humana em frases do tipo "foi um milagre de deus que essas três pessoas sobreviveram"....

Considerações finais

Esta breve discussão nos permite comprovar que, para além da análise das aspas como um recurso normativo de pontuação, é possível abordá-las de um ponto de vista polifônico, como marcas de um jogo de vozes de uma heterogeneidade enunciativa mostrada, e do ponto de vista retórico, como marcas de estratégias persuasivas de influenciar o outro.

As aspas abrem espaço para o advento de um sujeito clivado em uma linguagem que falha, que é não toda. Desta forma, elas fazem fronteira com o exterior, e a voz de um outro ecoa. A voz de um outro que se deixa ouvir carrega um jogo que eu chamaria de “pega e esconde”: uma expressão é lançada metalinguisticamente para levar a uma reflexão sobre o dizer, mas, ao mesmo tempo, elas permitem esconder, na defensiva, o que não se pode dizer.

Ao mesmo tempo que laçam e enfatizam um dito, dando ao sujeito um distanciamento seguro de seu dizer, as aspas despistam o outro. Com isso, elas reforçam uma espécie de logro, de enganação, porque suspendem o sentido.

Desta forma, enfatizamos que as aspas não são usadas apenas como um recurso normativo de pontuação. É imprescindível que o professor reforce, em sua sala de aula, que as aspas podem assumir diferentes funções dentro de um texto. Ao mesmo tempo que elas assinalam diversas vozes em um enunciado e também atendem a estratégias persuasivas de influenciar o outro.

Referências bibliográficas

AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas (SP), n.19, dez. 1990, p.25-42.

_____. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1998.

_____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRITO, Mariza Angélica Paiva; PINHEIRO, Carlos Eduardo Silva. *As não coincidências do dizer como recurso argumentativo retórico*. Apresentação no VI Seminário Internacional de Linguística. São Paulo, 2015.

CAVALCANTE, M.M. *Linguística Textual e argumentação*. /Palestra apresentada por ocasião da XXVI JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS – Gelne. Recife, 2016.

COSTA, G.C; SANTOS, M. dos. Entre “ ”: falta e excesso na relação com o silêncio. *Revista línguas*, UNIVAS, 2013. p.101-112.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DORNELLES, Elizabeth F. De onde vem a força ilocucional? In: ZANDWAIS, Ana (org.). *Ensaio: relações entre pragmática e enunciação*, v. 17. Porto Alegre: Sagra/Luzzato, 2002. p.116-128.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação – A Nova Retórica*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

PESSOA, F. *Tabacaria*. Lisboa: Guerra & Paz, 2016.

TEIXEIRA, M. *Análise de Discurso e Psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre, EDPURCS: 2005.